

CONTO ERÓTICO GRAMATICAL



Enviado por **EDINALDO POSSAS**

Técnico-administrativo da Escolaridade do Centro de Artes e Comunicação

Era a terceira vez que aquele substantivo e aquele artigo se encontravam no elevador. Um substantivo masculino, com um aspecto plural, com alguns anos bem vividos pelas preposições da vida. E o artigo era bem definido, feminino, singular. Era ainda novinha, mas com um maravilhoso predicado nominal. Era ingénua, silábica, um pouco átona, até ao contrário dele: um sujeito oculto, com todos os vícios de linguagem, fanático por leituras e filmes ortográficos. O substantivo gostou dessa situação; os dois sozinhos, num lugar sem ninguém ver e ouvir. E sem perder essa oportunidade, começou a se insinuar, a perguntar, a conversar. O artigo feminino deixou as reticências de lado, e permitiu esse pequeno índice. De repente, o elevador pára, só com os dois lá dentro: ótimo, pensou o substantivo, mais um bom motivo para provocar alguns síndromas. Pouco tempo depois, já estavam bem entre parênteses, quando o elevador começa a se movimentar: Só que em vez de descer, sobe e pára justamente no andar do substantivo. Ele usou de toda a sua flexão verbal, e entrou com ela em seu apostro. Ligou o fonema, e ficaram alguns instantes em silêncio, ouvindo uma fonética clássica, bem suave e gostosa. Prepararam uma sintaxe dupla para ele e um hiato com gelo para ela. Ficaram conversando, sentados num vocativo, quando ele começou outra vez a se insinuar. Ela foi deixando, ele foi usando seu forte adjunto adverbial, e rapidamente chegaram a um imperativo, todos os vocábulos diziam que iriam terminar num transitivo direto. Começaram a se aproximar, ela tremendo de vocabulário, e ele sentindo seu ditongo crescente. Abraçaram-se, numa pontuação tão minúscula, que

nem um período simples passaria entre os dois. Estavam nessa ênfase quando ela confessou que ainda era virgula. Ela não perdeu o ritmo e sugeriu um longo ditongo oral, e quem sabe, talvez, uma ou outra soletrada em seu apóstrofo. É claro que ela se deixou levar por essas palavras, estava totalmente oxitona às vontades dele, e foram para o comum de dois gêneros. Ela totalmente voz passiva, ele voz ativa. Entre beijos, carícias, parônimos e substantivos, ele foi avançando cada vez mais. Ficaram uns minutos nessa próclise, e ele, com seu predicativo do objeto, ia tomando conta dela inteira. Estavam na posição de primeira e segunda pessoa do singular, ela era um perfeito agente da passiva, ele todo paroxítono, sentindo o pronomes de seu grande travessão forçando aquele hífen ainda singular. Nisso a porta abriu repentinamente. Era o verbo auxiliar do edifício. Ele tinha percebido tudo, e entrou dando conjunções e adjetivos nos dois, que se encolheram gramaticalmente, cheios de preposições, locuções e exclamativas. Mas ao ver aquele corpo jovem, numa acentuação tônica, ou melhor, subtônica, o verbo auxiliar diminuiu seus advérbios e declarou o seu participação na história. Os dois se olharam, e viram que isso era melhor do que uma metáfora por todo o edifício. O verbo auxiliar se entusiasmou, e mostrou o seu adjunto adnominal. Que loucura, minha gente. Aquilo não era nem comparativo, era um superlativo absoluto. Foi se aproximando dos dois, com aquela coisa maiúscula, com aquele predicativo do sujeito apontando para seus objetos. Foi chegando cada vez mais perto, comparando o ditongo do substantivo ao seu tritongo, propondo claramente uma mesóclise-a-trois. Só que as condições eram estas: enquanto abusava de um ditongo nasal, penetraria ao gerúndio do substantivo, e culminaria com um complemento verbal no artigo feminino. O substantivo, vendo que poderia se transformar num artigo indefinido depois dessa, pensando em seu infinito, resolveu colocar um ponto final na história e, agarrando o verbo auxiliar pelo conectivo, jogou-o pela janela, e voltou ao seu trema, cada vez mais fiel à língua portuguesa, com o artigo feminino colocado em conjunção coordenativa conclusiva.

VAZIO

Noite cai
Solidão aperta o coração
Sentimento profundo vai-se no luar
Peito apertado sem ti
Parte em direção a lua
Sem rumos, sem lugar, sem...
Sentado/deitado na cama
Olhar fite o universo
e coração palpita
Aonde vou sem ti?
Sem sentir o teu cheiro
Doce, feliz, felicidade
É o que me faz (sem, mentir por ti
Pois, o sentimento profundo não
está na realidade mas,
na verdade-fatalidade.



Evson Malaquias de Moraes Santos
Prof. do DAEPE do Centro de Educação do UFPE
e Diretor da ADUFEPE.



TERESA DE CALCUTA

Teresa de Calcutá
é vista em Glória do Goitá.
Você pode acreditar?

Teresa de Calcutá
apareceu em Tauá.
Você não quer acreditar?

Teresa de Calcutá
foi vista até em Gravatá.
Você não pode acreditar?

Teresa de Calcutá
falou as cabras de Taperóá.
Pergunte se Ariano a viu por lá.

Teresa de Calcutá
aparece aqui e aparece lá.
Você deixou de acreditar?

Teresa de Calcutá
catuca aqui e catuca lá.
Sua consciência deixou de escutar?

Madre Teresa de Calcutá,
agulhão do consciência!
Você só crer na ciência?
Será que ela te perdoará?



Epitácio Fraquoso Vieira
Prof. do Dept.º Fundamentos Socio-filosóficos
da Educação - CE.

